



## **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ESCOLAS PÚBLICAS – RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA**

Nathalia Rissane Costa Gomes<sup>1</sup>; José Rios Júnior<sup>2</sup>

*Universidade Federal do Maranhão – UFMA – jjrios26@hotmail.com*

*<sup>2</sup>Universidade Federal do Maranhão – UFMA - nathaliarissane@hotmail.com*

**Resumo:** Este artigo discute os impactos da formação de professores na Educação de Jovens e Adultos na sala de aula, através de uma pesquisa realizada em uma escola da rede pública de São Luís, a qual oferece educação para jovens e adultos no período noturno. O estudo na instituição foi realizado por meio de observações na sala de aula e entrevistas semiestruturadas com professores e alunos, o qual possibilitou a apreensão da Educação que está sendo ofertada para os jovens e adultos nesta localidade. O trabalho consta de fundamentação teórica para a prática docente na Educação de Jovens e Adultos – EJA a partir de teóricos como Arroyo (2011), Lakatos (2011), Rummert (2006), dentre outros, bem como a análise da pesquisa na perspectiva de ensino e aprendizagem a partir da relação disposta entre prática e teoria. Dessa forma, objetivou-se analisar as práticas pedagógicas e a postura docente na sala de aula, compreendendo a partir daí a relação teoria-prática que o professor vivencia em sala de aula, além de qual maneira os alunos percebem esse processo em sua aprendizagem. Durante o desenvolvimento deste trabalho podemos concluir que alguns professores não superaram a dicotomia teoria e prática e ainda concebem a Educação de Jovens e Adultos como uma educação sistematizada regular e de forma bancária, que remete ao depósito de conteúdo, transformando os alunos em meros receptores, não aproveitando completamente as experiências que estes trazem como bagagem cultural, compreendendo que alguns educadores ainda não possuem uma visão clara do jovem-adulto.

**Palavras-chave:** Formação Docente, Prática Docente, Teoria.



## 1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos vem sendo marcada ao longo do tempo por meio dos desdobramentos das políticas públicas voltadas para esta área. Durante a trajetória da EJA, segundo Manske (2009), houve conferências e congressos, considerados históricos para a EJA no Brasil. É nesse contexto que surge o método de alfabetização de Paulo Freire, que considera a cultura do aluno como parte do processo de alfabetização. Neste momento, se configura um processo de educação voltado para a valorização do aluno e professor como produtores de ideias e que podem transformar o que antes era concebido como educação mecânica, que servia para formar eleitores, principal interesse do Governo.

Entretanto, o golpe de Estado, ocorrido em 1964, desarticulou a EJA. A perseguição contra o método de Paulo Freire começou e os processos organizativos de educação acabaram sendo desfeitos, deixando em abandono a Educação de adultos por dois anos. A ditadura militar se esforçou em continuar com uma política para EJA, constituindo assim o MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, o qual não logrou bons resultados pelo seu caráter opressor. Ainda, destaca-se a relação da UNESCO com essa modalidade de educação, pois, foi a partir de suas iniciativas que a Educação de Adultos foi concebida como uma espécie de educação moral.

É perceptível que, ao longo dos anos, a Educação de Jovens e Adultos vem sendo configurada em seu plano nacional, sendo “marcada pela indefinição, voluntarismo, campanhas emergenciais, soluções conjunturais” (ARROYO, 2011, p. 20). Dessa forma, o olhar voltado para a EJA esteve sempre em torno da escolarização como uma segunda oportunidade para aqueles que não tiveram acesso em determinado tempo, sendo estes considerados, na maioria das vezes, como atrasados, desinteressados e etc. O que se torna um equívoco, pois, segundo Arroyo (2011), é preciso superar essa visão que se tem do perfil da EJA.

Para tanto, é necessário que o educador de Jovens e Adultos tenha uma formação adequada para esta modalidade de ensino, visto que a EJA é constituída por uma diversidade cultural, econômica e social. Entretanto, segundo Soares (2011), entre os desafios colocados para a EJA, está a configuração do seu campo de atuação, situando nesse contexto a formação do educador. Hoje, pode-se perceber que há um déficit na formação de professores de modo geral, o que influencia diretamente a aprendizagem e a permanência do aluno na escola. A forma como o professor transmite o conteúdo revela a forma opressora ou libertadora de seu ensino. Assim, é necessário que o educador de jovens e adultos tenha uma base teórica construída durante o seu percurso acadêmico



tendo como principais referências as lutas, os movimentos sociais, a cultura, a experiência e a resistência à opressão. Para além desses conceitos, o professor precisa aliar essa teoria a sua prática, uma vez que, a prática e a teoria devem se constituir em fatores indissociáveis.

Com foco nessas questões é que se deu a necessidade de realizar uma pesquisa em uma escola pública situada no município de São Luís - MA, a qual oferta Educação para Jovens e Adultos, objetivando apresentar a realidade de professores e alunos na sala de aula, as análises das práticas pedagógicas e a postura docente, compreendendo a partir daí a relação teórica - prática que o professor vivencia e como os alunos percebem esse processo em sua aprendizagem, tendo como resultados de pesquisa uma educação concebida ainda de forma bancária, a escassez de políticas públicas voltadas para a EJA, uma definição clara do ser jovem-adulto, e a dicotomia da teoria e prática.

Na condução desta pesquisa adotou-se como metodologia a pesquisa de campo Quantitativo-descriptivo, a qual “consistem em investigações de pesquisas empíricas cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos”. (LAKATOS e MARCONI, 2007, p. 189). Para tanto, utilizou-se como técnicas a Observação não participante, Entrevista e Questionário.

## **2 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa realizada deu-se em uma escola pública situada em um bairro popular de São Luís – MA. Analisou-se a postura dos professores na sala de aula em relação aos alunos que estão inseridos nessa modalidade de ensino, e o comportamento dos alunos em relação à prática dos educadores. Para tanto, algumas aulas foram observadas, tais como geografia, física, matemática e artes, considerando a dinâmica de sala, como a utilização do espaço escolar, uso de recursos, etc. Todo este conjunto forma uma visão a respeito da caracterização da Educação de Jovens e Adultos concebida nas instituições, e como as metodologias não adequadas podem ser transformadas em práticas que levem ao conhecimento libertador. Identificar estes atos são de extrema importância para a concessão de um ensino que objetiva a íntima relação entre a teoria e a prática.

A instituição referente à pesquisa possui caráter supletivo, composta pela EJA Fundamental e EJA Médio, com alunos entre 15 e 18 anos completos, adultos e idosos, pessoas com deficiências, apenados e jovens em conflitos com a lei. O perfil dos educandos é caracterizado pelo insucesso e evasão escolar no ensino regular, analfabetismo funcional, egressos e trabalhadores. Durante os dias



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

de observação na escola, fomos encaminhados à coordenação para algumas orientações, e, posteriormente, às salas de aula. Nesse momento, a análise da relação entre professores e alunos se deu através de observação não participante, podendo perceber a didática dos professores nas aulas assistidas. Posteriormente, foram realizadas as entrevistas com alunos e professores da rede.

Em dias não consecutivos, os alunos da Universidade Federal do Maranhão – UFMA foram recebidos no Centro de Ensino João Francisco Lisboa por toda a direção e equipe pedagógica, dividindo-os em turmas de EJA, a fim de realizar observações para a presente análise. A observação deu-se no âmbito das salas de aula, sendo presenciadas aulas de algumas disciplinas da turma de 2º etapa, e áreas como pátio, cantina, biblioteca, secretaria, quadra, diretoria e etc.

A análise iniciou-se na sala de aula, através de observação não participativa de como se dá a relação entre professores e alunos, o que pode ser tratado e melhorado na EJA e na metodologia de cada professor e qual a posição dos profissionais e alunos frente aos problemas encontrados nessa modalidade de educação. Foram entrevistados 05 (cinco) alunos da 2º etapa da turma de EJA, a qual corresponde o 2º e 3º ano do ensino médio e 01 (uma) professora. Os alunos entrevistados são oriundos de São Luís e regiões metropolitanas, bem como outros municípios, com idade de 17(dezessete) anos até os 40 (quarenta) anos. Em entrevista, perguntou-se qual o objetivo do aluno ao ingressar nessa modalidade e qual os motivos que os levou a inserir-se nessa categoria:

*-“Não consegui concluir o ensino médio na minha outra cidade. Tive que vir embora para São Luís, aí já não dava mais, já era tarde para ficar no ensino médio certo. Ficou faltando o 2º e 3º ano, que agora estou fazendo aqui mesmo. Eu até prefiro aqui, é mais rápido, termino mais rápido, pego meu certificado e procuro um trabalho, aí é mais fácil.”* (Informação verbal)

A partir da resposta acima, percebe-se que um dos motivos que permeiam a vontade de concluir a série, por parte de vários alunos, é a questão da profissionalização. O que mais importa neste momento é o diploma para conseguir um bom trabalho, independente de como essa formação tem sido realizada. Isto reflete uma formação para o trabalho que passa a significar qualificação profissional. Nesse sentido, Ramos (2006) discute a emergência das profissões modernas constituídas em consequência da divisão fabril e social do trabalho, a qual é o ápice da divisão entre trabalho manual e intelectual, afirmando que “do ponto de vista da formação, as profissões passam a ser classificadas de acordo com o seu nível de complexidade que, por sua vez, se relaciona com o nível de escolaridade necessário para o desenvolvimento de cada uma delas”. (Ramos, 2006, p. 34). Assim sendo, a maioria dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, devido as relações capitalistas de produção, buscam mais por um ensino que confere o domínio de um ofício, do que o ato da disciplina e do conhecimento, indo ao encontro do ensino profissional, que classifica os saberes em



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

torno dos certificados e diplomas. É dentro desse contexto que os jovens e adultos buscam mais o diploma que o conhecimento em si, entendendo estes que o melhor desempenho escolar é caracterizado somente por notas boas e a emissão de um certificado. Em torno dessa discussão, Bourdieu caracteriza o Sistema de Ensino, no que diz respeito à relação com a economia:

A característica pertinente do sistema de ensino no que diz respeito à relação que mantém com o aparelho econômico reside (...) no fato de dota seus produtos, providos ou não de uma competência técnica, tecnicamente mensurável, de *diplomas* dotados de um valor universal e relativamente intemporal. (BOURDIEU, 2015, p. 147).

Quando questionados sobre o desempenho escolar no ano letivo atual, alguns alunos caracterizam da seguinte maneira:

- *“Esse ano tá bom! Até que eu tô indo bem.”*

- *“Se tivesse um horário maior para umas matérias aí, eu entenderia melhor.”*

- *“Meu desempenho é bom. Presto atenção em tudo, mas as vezes tiro nota ruim.”*

- *“Consigo pegar a matéria e tirar nota boa, mas esse ano tá corrido.”* (Informações verbais)

Segundo os alunos, uma das maiores reclamações, é o tempo que se destina para cada disciplina. São 05 (cinco) disciplinas por dia, sendo três horas de aula. A cada disciplina que passa, a carga horária diminui. Em muitas matérias, como a física, por exemplo, o tempo é mais curto. Ao presenciar uma aula de física, notou-se que em todo um horário foi destinado apenas para responder duas situações-problema. A professora copiou as questões no quadro e pediu aos alunos que respondessem no caderno. A maioria não conseguiu. Logo, ela teve que retomar alguns pontos da aula passada, e quando ainda respondia a 2º questão, o sinal tocou. Ao perguntar a um dos alunos sobre tal situação, obteve-se a seguinte resposta:

*“A professora entra e já vai colocando atividade. Mal dar tempo de ela explicar e o horário já acaba. Física é muito difícil, tem muito cálculo também. Aí tem que decorar as fórmulas e calcular.”* (Informação verbal).

A partir deste comentário, percebe-se que o aluno está insatisfeito quanto ao tempo destinado ao horário de física. Possui dificuldade na disciplina e acha o horário insuficiente para compreensão da mesma. Além disso, quando questionado sobre a metodologia que a professora utiliza, os posicionamentos são divergentes:

- *“É legal. Ela explica e se a gente não entender ela explica de novo.”*

- *“Uma vez ela trouxe um termômetro, na aula da escala celsius. E já passou um vídeo também, uma vez. Até que eu gosto da aula dela.”*

*“A aula é muito chata. Não dá para entender nada”.* (Informação verbal).



A metodologia abordada pelo professor implica diretamente na aprendizagem do aluno. Aqueles que afirmam gostar de como o conteúdo está sendo transmitido, afirmam que tem um rendimento bom. O que difere daqueles que declaram não entender nada do que se explica sobre a matéria. Quando questionada sobre a metodologia utilizada em sua aula, a professora de física afirma:

*–“Me esforço muito para que meus alunos aprendam. Mas a escola não dá condições suficientes para que eu possa fazer um trabalho melhor. Às vezes preciso assumir mais de duas turmas em uma noite só, pois o outro professor falta... e assim vai. Geralmente, os recursos os quais utilizo são o quadro e o pincel. O tempo da aula é curto então não dá pra fazer muita coisa.”*  
(Informação verbal)

Durante a observação, foi possível constatar tal resposta na prática. Geralmente, isto ocorre, também, em outras disciplinas. A maioria dos professores acha o tempo insuficiente, além de outras questões, como, recursos, estrutura física, pois às vezes não tem água, a sala encontra-se suja, entre outras coisas. Em conversa com a direção da escola sobre essas questões, foi declarado que a escola possui recursos tecnológicos e que estes estão à disposição para uso dos professores em salas de aula.

De um modo geral, quando questionados sobre as aulas, os alunos afirmam gostar daquelas nas quais o professor é mais dinâmico, que apresenta interesse em ensinar e está o tempo todo relacionando a disciplina com o contexto nos quais se encontram. Um exemplo disso, encontra-se na aula de geografia, bastante comentada pelos alunos entrevistados. No decorrer do horário, a professora dialoga com os alunos acerca de várias questões que permeiam a vida dos alunos, e que são interessantes dentro do contexto da aula. Isso faz com que os estudantes entendam o processo vivido de forma que podem questionar aquilo que estão aprendendo e obter respostas para as diversas questões que norteiam a vivência de diversas situações sociais, econômicas e políticas. Foi possível perceber que nesta aula os alunos compreendem além do próprio conteúdo didático, o porquê de estarem aprendendo tal temática, e qual a relação dessa teoria com a prática. O que difere de outras disciplinas, nas quais os alunos não conseguem entender a relação daquilo que estuda com a prática social. Além desses assuntos, foi possível constatar que a maioria dos alunos não possuem uma opinião definida acerca da Educação de Jovens e Adultos, uma vez que, declaram estar ali somente pelo fato, de um modo geral, de não ter conseguido concluir os estudos no ensino regular. É certo que não há uma definição muito clara acerca da EJA, pois, segundo Arroyo (2006), este é um campo que ainda se encontra em construção.

A percepção dos discentes em relação aos professores da EJA, é que muitos não conseguem tornar a aula mais dinâmica e proveitosa no tempo habilitado, não utilizam o horário de forma



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

adequada, não tem paciência com os alunos e não demonstram domínio de conteúdo. Além da falta de organização dentro da sala de aula que alguns não conseguem dominar. Diante disso, é necessário que o professor assuma uma postura que possibilite aos alunos a apropriação do conhecimento pleno, que, segundo, Rummert (2006), possibilita aos seres humanos se apropriarem das diversas expressões de seu tempo, de forma crítica e que objetive a transformação da realidade daqueles que, de alguma forma, são destituídos de sua própria humanidade pela violência simbólica. No entanto, o que foi observado são alguns professores que, devido ao cansaço e outras coisas, não conseguem assumir tal postura, e às vezes nem desejam, pois isto implica em uma consciência, sobretudo, política. E quanto a isto, a maioria tem aversão.

Quanto à percepção docente em relação à Educação de Jovens e Adultos, a professora entrevistada, declara que é uma modalidade em que são encontradas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar ou não quiseram continuar com os estudos. Ela ministra aulas tanto no ensino fundamental regular, como na EJA durante a noite. Afirma que entrou para completar o quadro de professores e que também seria mais uma renda. A maioria dos professores não possuem formação continuada por falta de oportunidade, tempo, interesse e etc. E não tiveram uma formação para a Educação de adultos. São licenciados apenas nas suas respectivas disciplinas, e não possuem uma formação continuada. Quando questionada sobre a continuação de sua formação, a professora responde:

*“Não tenho tempo, trabalho de manhã, de tarde e de noite. E também a escola não oferece. É uma pena que a escola não oferece...”* (Informação verbal)

Este é um problema que deve ser trabalhado e desconstruído através de políticas e ações governamentais que garantam, além da formação básica, a formação continuada. Por outro viés, alguns profissionais não têm o interesse ou tempo suficiente, como declara a professora, por exemplo, de buscar uma formação que complemente a sua teoria e desenvolva a sua prática. Por consequência, a metodologia do professor torna-se unilateral, não considerando práticas diferenciadas. A formação continuada, segundo Falsarella (2004), é entendida como um processo que acompanha o professor durante toda a sua vida profissional e como uma forma organizada de aperfeiçoamento que incentive o professor a reflexão de sua prática, bem como a apropriação de saberes. Assim, esta deve complementar e orientar o que foi produzido na formação inicial de forma que possibilite, também, a autonomia docente. Em relação aos alunos, estes são caracterizados pelos docentes como estudantes que precisam de mais ajuda e apoio pedagógico, no entanto, pelas dificuldades existentes, é mais complexo conceder uma atenção especial. Eles consideram que os alunos devam ter mais interesse e atenção, principalmente, aqueles que têm mais dificuldades. Algumas dessas complicações surgem devido ao aluno não ter uma boa formação da leitura e



escrita, não sabendo interpretar pequenos textos. A professora, quando questionada, fala da seguinte maneira:

*–“A maior dificuldade dos alunos é não saber interpretar as questões”* (Informação verbal)

Dessa forma, o professor deve levar em consideração todas estas implicações de maneira que ajude o aluno e leve-o a superar tais complexidades. Contudo, por meio da análise e relatos de alunos, nem todos os professores tem o interesse em auxiliar aqueles que precisam de mais atenção. Em algumas situações, os alunos que possuem mais dificuldades são tratados já de forma estereotipada, como aquele que não tem preocupação em aprender, que não é esforçado ou possui deficiência intelectual.

O comportamento do educador frente às adversidades que se encontram em sala de aula não se alia a teoria concebida pelos mesmos. Não há uma aproximação da realidade com a atividade teórica. Esta é uma deficiência encontrada na formação inicial a qual não tem dado conta de superar a dicotomia entre prática e teoria. Segundo Pimenta e Lima (2006), a prática é entendida como o desenvolvimento de habilidades técnicas que são necessárias ao desenvolvimento da ação docente. Assim, é necessário que esta atividade se encontre com os conhecimentos científicos que são adquiridos ao longo da formação, não havendo uma separação entre tais. Isto se deve não somente nas salas de Educação de Jovens e Adultos, mas em todos os níveis de aprendizagem.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A instituição pesquisada, atualmente, encontra-se nas condições físicas e pedagógicas descritas acima. A partir desta análise, foi possível apreender as condições comportamentais que geram um tipo de perfil profissional do educador de Educação de Jovens e Adultos. Não foi possível observar as aulas de todas as disciplinas, nem tampouco realizar entrevistas e questionários com todos os professores, pois alguns se recusaram e outros não se encontravam em campo. Entretanto, com os educadores que foram observados e entrevistados, conseguiu-se interpretar e conceber a didática da educação que está sendo oferecida para jovens e adultos.

Em relação aos docentes, observou-se que apenas um não considera as experiências que os alunos trazem como bagagem cultural, enquanto os demais buscam formas alternativas de levarem o conhecimento de modo que atraia os alunos. Isto acontece quando o educador tenta formas apropriadas de envolver o conteúdo com a vida real do educando, relacionando fatos e objetos ao dia-a-dia de todos que estão envolvidos na atividade. Nesse sentido, entende-se que este tipo de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

comportamento é resultado de uma formação que deu suporte para a compreensão de uma didática que leva ao estudo das relações da sala de aula e a sociedade em que esta se insere.

Diante dos posicionamentos de alunos entrevistados, compreende-se que estes esperam um maior auxílio e compreensão do professor. Entende-se que isto não significa apenas o ensino de conteúdos, como foi observado em algumas aulas a configuração de uma educação bancária, mas uma relação saudável entre ambos. É necessário que o profissional de EJA saiba trabalhar com este público e que entenda as características particulares destes indivíduos, os quais não se assemelham a alunos da educação regular. É por esse viés que se defende a formação de professores para Educação de Jovens e Adultos, pois a metodologia que se deve adotar na EJA não se pode encaixar no mesmo molde da educação regular, pois quando isto ocorre, a aproximação entre teoria e prática é mais improvável.

No entanto, esta é uma dificuldade que está alocada no caráter universalista dos modelos de formação para os professores. A universidade dá a habilidade de ministrar aulas nesta modalidade, mas não prepara o suficiente. Isto foi observado entre falas dos docentes que reclamam pela falta de oportunidade e programas governamentais que não são oferecidos de forma suficiente para todos. A visão oficial do governo federal sobre a política de formação de professores, segundo Falsarella (2004), se apresenta em linguagem tecnicista e omite os determinantes políticos e econômicos da realidade do professorado no Brasil. Dessa forma, não é possível estabelecer políticas de formação que garanta uma educação de qualidade para todos.

De um modo geral, a interpretação das análises registradas leva a compreender que o processo de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos concebido nesta escola, ainda precisa sofrer várias alterações que devem acontecer tanto na estrutura pedagógica, como no meio físico da instituição. E isto depende de todos aqueles que estão envolvidos direta e indiretamente neste processo, principalmente na relação entre educador e educando. Para o ensino-aprendizagem na EJA são mais adequadas as formas narrativas, as experiências de vida e os significados de cada grupo inserido na sociedade. Destarte, o educador da EJA tem que diferenciar os métodos pelo qual irá ministrar as aulas, assumindo uma forma dinâmica que vá de encontro ao contexto cultural, histórico e social do aluno. Durante todo o estudo de campo, buscou-se verificar o comportamento do professor na sala de aula, e verificar se a identidade histórica, cultural e social do aluno é concebida como elemento formador e contributivo para a sua devida formação. E o que se conclui é que ainda é necessária a adoção de uma concepção do ser jovem e adulto para que isto aconteça de



fato, pois os professores da rede têm dificuldades neste processo por não saber dialogar no campo da Educação de Jovens e Adultos.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio. Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica. 2006, 298 p.

\_\_\_\_\_ Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: Diálogos na Educação de Jovens e adultos/ Leôncio Soares, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Nilma Lino Gomes. – 4 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2011 (Estudos em EJA)

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

FALSARELLA, Ana Maria. Formação continuada e prática de sala de aula: os efeitos da formação continuada na atuação do professor. Campinas: Autores Associados, 2004. (Coleção Formação de Professores).

LAKATOS, Eva Maris; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. Ed. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. 2012. Disponível em:<[http://www.cead.ufla.br/portal/wp-content/uploads/2013/10/Arquivo\\_referente\\_ao\\_Anexo\\_V\\_do\\_Edital\\_CEAD\\_06\\_2013.pdf](http://www.cead.ufla.br/portal/wp-content/uploads/2013/10/Arquivo_referente_ao_Anexo_V_do_Edital_CEAD_06_2013.pdf)> Acesso em 15 de Julho de 2016.

MANSKE, José Fernando. A educação de jovens e adultos - EJA. In: Propuesta curricular de la educación de jóvenes y adultos campesinos em asentamientos de la reforma agrária. São Luís – MA: EDUFMA, 2009.

RAMOS, Marise Nogueira. A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação? 2 Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

RUMMERT, Sonia Maria. Formação continuada dos educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio. Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica: SECAD/MEC: UNESCO, 2006.296 p.

SOARES, Leôncio. Do direito à educação à formação do educador de jovens e adultos. In: Diálogos na Educação de Jovens e adultos/ Leôncio Soares, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Nilma Lino Gomes. – 4 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2011 (Estudos em EJA)